



O papel da literatura marginal na compreensão da realidade social brasileira

Cibele de Souza

O presente trabalho pretende uma análise sociológica sobre o papel da literatura marginal na compreensão da realidade social brasileira. Para tanto, realizar-se-á uma análise profícua do material que dita literatura apresenta para fins de análise de dados, vez que as pesquisas empíricas nem sempre conseguem acessar alguns campos, seja estes restritos pelas instituições de controle ou pelo próprio receio dos cidadãos em se manifestar.

De outro ponto, percebe-se que as pesquisas empíricas, mesmo que fundamentadas em uma base de dados sólida encontram resistência na disseminação do conhecimento. Nesse passo, seria a literatura, para além de uma fonte rica de dados, um meio de reprodução de conhecimento sobre o outro, minimizando a ignorância desvelada nos discursos reproduzidos diariamente por grande parcela da população brasileira, especialmente quando o tema versa sobre violência, periferia, criminalidade e sistema penal.

Embora o diálogo seja a premissa básica para cognição e expansão de uma civilização, percebe-se que a linguagem empregada socialmente não contempla a todos. Assim, o questionamento proposto versa ainda sobre os problemas vivenciados pelos pesquisadores quando da realização da pesquisa de campo, seja pela ausência de dados confiáveis, seja pela obstrução descarada de algumas instituições totais¹, ou ainda pela própria escassez de recursos para conclusão/realização de pesquisas.

Com base na ideia de desconstrução de alguns (pre)conceitos e barreiras impostas socialmente, buscaremos, a partir dos fundamentos da sociologia, realizar a análise dos discursos apresentados pela literatura nacional não ficcional² e, ou literatura marginal³ sobre as nuances que convolam a sociabilidade violenta entre as classes sociais brasileiras, discutindo ainda sobre a importância da observância do conceito de “local de fala” para conhecimento e formulação dos problemas vivenciados pelos envolvidos nestes processos excludentes.

Para tanto, valer-se-á do conteúdo objurgado por algumas obras literárias contemporâneas, quais sejam: “O dono do morro: Um homem e a batalha pelo Rio”, “Ninguém é inocente em São Paulo”, “Abusado: O dono do morro Santa Marta” e “Quarto de despejo”, de modo a consubstanciar uma melhor análise dos temas

¹ GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

² FERRÉZ. Literatura marginal: talentos da escrita periférica. São Paulo: Agir, 2005. 132 p. Quarto de despejo: diário de uma favelada, na qual conta sua vida de catadora de lixo e a luta pela sobrevivência. (Carolina de Jesus), LINS, Paulo. Cidade de Deus. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 550 p.

³ “Numa acepção estritamente artística, marginais são as produções que afrontam o cânone, rompendo com as normas e os paradigmas estéticos vigentes.” - OLIVEIRA. Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. Sítio em: Ipótesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Acesso em 08 fev. 2017.



relacionados a expansão da violência social, exclusão social, periferia, criminalidade e sistema penal.

Segundo *Heloisa Buarque de Hollanda*⁴, a literatura marginal tem o condão de mostrar o ponto de vista, os pensamentos e os sentimentos vivenciados por autores que estiveram ou estão à margem da sociedade. Entretanto, parece necessária a desmistificação do “marginal”, já que a palavra remete a uma visão socialmente estereotipada, quando, em verdade, a literatura marginal compreende uma forma de resistência artística e cultural dos que vivem à margem da sociedade, ou seja, dos desde sempre excluídos e silenciados.

Primeiramente, questionar-se-a se literatura marginal seria capaz de proporcionar uma leitura “limpa” da realidade, vez que nos termos do exposto por Benjamim em sua VII Tese, seria necessário “escovar a história a contrapelo”, para fins de conglobar as realidades silenciadas pelos “vencedores”. Para, em um segundo momento, refletir sobre o poder que a literatura não ficcional e/ou marginal tem como fonte de resistência e produção de conhecimento empírico sobre realidade social brasileira.

Na formação de uma sociedade democrática, a multiplicidade de falas, tendo como base a diversidade de experiências constantes de uma vivência reconhecidamente opressora, oportuniza a acepção de “discursos” com contribuições ímpares para a construção de uma realidade mais justa e igualitária. *Quinalha* defende que a “política transformadora que almeja universalizar princípios de igualdade e de liberdade deve ser atividade de todxs. Por direito e por obrigação.”⁵

De outro ponto, infere-se o questionamento sobre a relação entre literatura e realidade dada a complexidade da admissão da literatura como forma de acepção de “verdades”, e assim como fonte de dados confiável para complementação dos estudos empíricos. Para Lobo:

*“La relación entre literatura y realidad, o literatura como forma de verdad, es un tema recurrente en las discusiones. Frecuentemente se le asignan a la literatura atributos tales como su capacidad de presentar facetas ocultas de la realidad, de dar voz a quien no la tiene, de develar verdades... Existe entonces un problema en torno a la verdad que permea hasta a la institución literaria, sobre todo en géneros como podrían ser el testimonio, las memorias, la novela histórica y, claro está, la literatura policiaca.”*⁶

Para Spivak: “o subalterno não deve configurar apenas um “objeto” a ser revelado ou conhecido pelo intelectual que deseja falar pelo outro”⁷, desmistificando,

⁴HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *As fronteiras móveis da literatura*. Disponível em <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=67>. Acesso em: 20 de fev. de 2017.

⁵QUINALHA, Renan. “Lugares de fala” e a urgência da escuta. Sítio em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/11/lugares-de-fala-e-a-urgencia-da-escuta/>. Acesso em 22 jan. 2017

⁶LOBO, Tatiana. Introducción: verdad, saber, poder e historia en la literatura policiaca. Sítio em: https://www.academia.edu/10117131/introducci%93n_verdad_saber_poder_e_historia_en_la_literatura_policíaca. Acesso em 18 de fev. 2017.

⁷ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.P. 14.



o modelo de “*autorrepresentação*”⁸. A intenção evidenciada em sua obra é a de “desafiar os discursos hegemônicos e nossas próprias crenças como leitores e produtores de saber e conhecimento.”⁹

A propósito dessa possibilidade de entrecruzamento da literatura com o conceito de “local de fala”, Oliveira aduz que a propriedade de fala:

[...] seria o primeiro desafio a ser enfrentado pela teoria frente à atual produção literária da periferia brasileira, relacionado ao papel do sujeito como agente e produtor cultural, que muitas vezes vive sob condições de ilegalidade, reivindicando, no entanto, o direito de falar desde essa experiência.”¹⁰

No âmbito da sociedade excluente, a literatura não ficcional e/ou marginal apresenta-se como uma oportunidade de dar “voz” aos problemas vivenciados diariamente pelas “minorias”. Os “marginalizados” que convivem desde sempre a par desse estereótipo e, na maioria das vezes, não são ouvidos ou questionados sobre as modificações sociais necessárias para tornar a vida em sociedade mais justa e igualitária, têm por meio da literatura uma fonte de empoderamento e resistência social.

Palavras-chave: Literatura marginal. Pesquisa empírica. Local de fala. Sociologia. Criminalidade.

⁸ Entende-se por “autorrepresentação” o

⁹ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.P.

^{8.}

¹⁰ OLIVEIRA. Rejane Pivetta de. Literatura marginal: questionamentos à teoria literária. Sítio em: Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39, jul./dez. 2011. Acesso em 08 fev. 2017.